

A VISÃO DE DOCENTES DA ÁREA DA SAÚDE SOBRE A PROBLEMÁTICA AMBIENTAL

Roger Rodrigues Peres¹
Silviamar Camponogara²
Eduarda de Oliveira Jácobi³
Adrielle Charmont da Silva⁴
Magali Scapin Bataglin⁵
Cristiane Machado Lourensi⁶

Resumo

Objetivo: conhecer a visão dos docentes da área da saúde sobre a problemática ambiental. *Método:* estudo de abordagem qualitativa, sendo a pesquisa do tipo descritiva-exploratória. Os sujeitos foram docentes dos cursos da área da saúde de uma instituição pública de ensino superior do Sul do Brasil. Os dados foram coletados em 2011, por meio de entrevista semiestruturada e analisados com base no referencial proposto para análise de conteúdo. *Resultados:* os docentes demonstraram certa preocupação quanto à real dimensão dos eventos ambientais catastróficos, tendo em vista os interesses econômicos que circundam a temática. Alguns sujeitos enfatizaram a existência de responsáveis pelo atual cenário de crise, que não eles próprios, demonstrando certa fuga da responsabilidade com o ambiente. Outros se colocaram como inclusos e corresponsáveis pelo estado ambiental local e global. Quanto às ações de preservação ambiental que realizavam, os depoentes as qualificaram como singelas, simplórias e, até mesmo, como as mínimas possíveis. *Conclusões:* faz-se imprescindível que os docentes da área da saúde realizem reflexões e aproximações da temática ambiental com os conteúdos que trabalham, pois assim podem influenciar positivamente na formação de profissionais mais conscientes, críticos e atuantes, diante do estado ambiental atual.

Palavras-chave: Enfermagem. Meio ambiente. Ensino Superior.

HEALTH AREA PROFESSORS' VIEW ABOUT THE ENVIRONMENTAL PROBLEMATIC

Abstract

Objective: to know the health area professors' view about the environmental problematic. *Method:* qualitative approach study, descriptive-exploratory research. The subjects were professors of health area courses of a public higher education institution in the south of Brazil. The data were collected in 2011, through a semi structured interview and were analyzed based on the reference suggested for content analysis. *Results:* the professors showed concern about the real dimension of catastrophic environmental events, bearing in mind the economic interests that surround the issue. Some subjects emphasized the existence of agents held responsible for the current crisis scenario, but they do not blame themselves, demonstrating sort of an escape from the environment responsibility. Others included themselves in the scenario and deemed themselves as co-responsible for the local and global environmental situation. Concerning the environmental preservation actions they developed, the interviewees qualified those actions as simple, naïve and even "as minor as possible". *Conclusion:* it is fundamental that the health area professors reflect and approach the environmental problematic within the topics they work with, because by doing so, they may positively influence the formation of more conscious, critical and participating professionals, considering the current environmental situation.

Keywords: Nursing. Environment. Education Higher.

¹ Universidade Federal de Santa Maria – UFSM. roger_rrp@yahoo.com.br

² Universidade Federal de Santa Maria – UFSM. silviaufsm@yahoo.com.br

³ Universidade Federal de Santa Maria – UFSM. dudah_sm115@hotmail.com

⁴ Universidade Federal de Santa Maria – UFSM. drichermond@gmail.com

⁵ Universidade Federal de Santa Maria – UFSM. magabataglin@hotmail.com

⁶ Universidade Federal de Santa Maria – UFSM. cristianelourensi@yahoo.com.br

É incontestável que a História da humanidade, com toda sua complexidade e dinamismo, vivenciou diversos momentos de crise, sejam esses de ordem econômica, social, religiosa, política, ambiental, dentre outros. Percebe-se, contudo, que o ambiente vem sendo um dos principais focos de preocupação entre os pesquisadores e a sociedade, devendo-se isso, provavelmente, às mudanças climáticas que vêm afetando a saúde do ser humano e a relação que este tem construído com seu meio. A partir disso, nos últimos 40 anos, ocorreram importantes mudanças no modo de pensar as questões do crescimento econômico, do desenvolvimento humano e da proteção ambiental (Philippi; Malheiros, 2005).

Os eventos realizados em âmbito mundial, e também nacional, que abordaram a temática ambiental, trouxeram avanços para a discussão, principalmente a partir da década de 70, ganhando, a relação saúde e meio ambiente, contornos complexos e abrangentes, contrários à postura reducionista e biomédica que prevalecia até então. Esse panorama se torna evidente na constatação de Freitas (2003), ao enfatizar que os problemas ambientais são, simultaneamente, problemas de saúde, pois afetam os seres humanos e as sociedades em múltiplas e simultâneas escalas e dimensões.

Como resposta a esse quadro de crise ambiental surge a educação ambiental, configurando-se como uma educação voltada para os aspectos ambientais em toda sua complexidade. A educação ambiental apresenta seu foco em uma educação política, na intenção de formar atitudes que predisponham a ação e ao mesmo tempo pessoas críticas, reflexivas, éticas, competentes e proativas, conscientes de seus papéis na transformação do mundo (Pelicioni, 2005).

Mesmo, entretanto, que essa estratégia de educação seja de suma importância, o que se verifica é que a interface saúde e meio ambiente ainda não ocupa posição de destaque no cenário de formação profissional em saúde, pois apesar das mudanças curriculares, ainda apresenta seu foco voltado para técnicas e práticas não preventivas, a exemplo das atividades clínicas e terapêuticas na área biomédica (Schmidt, 2007).

Diante dessa constatação, Camponogara (2008) reafirma a necessidade de incorporar a dimensão ambiental como inerente ao desenvolvimento de ações de saúde, a qual deve ser revista desde a formação profissional. Nessa vertente, destaca-se a importância do papel docente, ambientalmente responsável e comprometido com sua prática, atrelado à proposição de reflexões, de novos hábitos e novas posturas, que possibilitem, ao educando, o aprendizado de valores essenciais para a promoção da saúde e de melhor qualidade de vida às pessoas e para a preservação do planeta (Corrêa et al., 2007).

Tendo em vista a responsabilidade do papel docente neste cenário, faz-se imprescindível refletir sobre o posicionamento assumido pelos docentes da área da saúde perante a temática, entendendo-se que a visão destes sobre a atual problemática ambiental tende a influenciar no trato dessas questões no ensino superior em saúde. Dessa maneira, realizou-se um estudo orientado pela seguinte questão de pesquisa: Qual a visão de docentes da área da saúde sobre a inter-relação saúde e meio ambiente? A investigação teve como objetivo: conhecer qual a visão dos docentes da área da saúde sobre a inter-relação saúde e meio ambiente e a educação ambiental e como isso se expressa na prática docente. Vale ressaltar, no entanto, que no presente artigo será abordada uma parte dos resultados da pesquisa, dando destaque à percepção dos docentes da área da saúde sobre a problemática ambiental contemporânea. Desenha-se então, enquanto objetivo deste estudo, conhecer a visão dos docentes da área da saúde sobre a problemática ambiental.

Método

O estudo tem abordagem qualitativa sendo a investigação do tipo descritiva-exploratória. Foi realizado com o total de oito docentes, prioritariamente professores das áreas de saúde coletiva, saúde pública e saúde comunitária.

Os docentes participantes compuseram uma amostra proporcionalmente representativa dos diferentes departamentos da área da saúde de uma insti-

tuição pública de ensino superior do Sul do Brasil, a saber: Enfermagem, Fisioterapia, Fonoaudiologia, Odontologia e Saúde Comunitária. O encerramento da amostra obedeceu ao critério de saturação de dados, e foram considerados critérios de inclusão: ser docente efetivo da instituição e estar atuando há mais de um ano na função.

Os dados foram coletados de agosto a novembro de 2011, por meio de entrevista semiestruturada com questões sobre a temática investigada. As entrevistas foram realizadas pelos pesquisadores, em local reservado, gravadas e, posteriormente, transcritas. Os sujeitos foram identificados pela letra “E”, significando “entrevista”, e pelo número da respectiva entrevista realizada.

Os dados foram analisados com base no referencial proposto para análise de conteúdo (Bardin, 2011), obedecendo às seguintes etapas: reunião do *corpus* de dados, realização de leitura flutuante dos achados, realização de leitura aprofundada a fim de constituir categorias de análise e análise interpretativa das categorias e discussão com a literatura pertinente.

Ressalta-se ainda que o estudo obedeceu aos preceitos indicados para pesquisa com seres humanos, somente havendo coleta de dados após aprovação institucional e consentimento do Comitê de Ética em Pesquisa da instituição (CAAE Nº 0160.0.243.000-11).

Resultados e Discussão

Para melhor apresentação do trabalho realizado, optou-se por expor os resultados seguidos da discussão com a literatura. Entende-se ainda que os depoimentos dos sujeitos, seguidos das reflexões dos autores e da postura assumida pela comunidade científica podem enriquecer a leitura e a apreensão dos achados. Com essa estrutura, o trabalho em questão encontra-se organizado em quatro categorias, dispostas em um raciocínio que busca responder ao objetivo traçado para o momento. São então categorias: *Percepções sobre a problemática am-*

biental; Problemática Ambiental: o compromisso do poder público; Problemática Ambiental: responsabilidade histórica, do homem e nossa; As ações ambientalmente responsáveis.

Por meio das questões abordadas na entrevista semiestruturada os participantes da pesquisa foram estimulados a refletir sobre a problemática ambiental contemporânea. A partir de então originou-se a seguinte categoria: *Percepções sobre a problemática ambiental*. O depoimento a seguir retrata a percepção de um grupo de docentes.

Eu acho que tem dois lados importantes nisso. Eu penso assim, um, é evidente que existe um problema grave a nível ambiental, a nível mundial, que merece que se tenha toda a, que se dê a isso, toda a importância que tem que ser dada [...] Então isso tudo tem dada importância, o que me preocupa um pouco a respeito dessa discussão ambiental é que eu vejo assim: que de alguma forma eu fico com a suspeita, eu fico receoso que esse comportamento xiita que eu vejo em algumas entidades ambientais, por trás dele, na verdade, existam os interesses externos tentando barrar o desenvolvimento do país, então eu acho que tem essas duas coisas que tem que ser levado em conta[...] Eu acho que existe realmente um conteúdo ideológico por trás que a gente tem que saber perceber, quando realmente é um problema ambiental e quando são outras intenções (E08).

A relação evidenciada, no depoimento, corresponde à preocupação com a degradação ambiental que o planeta tem sofrido. Como se pode perceber, porém, alguns sujeitos dão ênfase aos aspectos econômicos que podem influenciar o real cenário ambiental no mundo, observando que se deve ter cautela ao se analisar determinados acontecimentos. Nesse sentido, Silva (2010) concorda com essa relação, ao expor que ainda que a questão da sustentabilidade seja legítima e muito oportuna, muitas vezes ela se apresenta de modo estritamente economicista e, por isso mesmo, limitada para pensar novos valores que mediem a relação homem/natureza.

Com relação a isso, destaca-se o cuidado que se deve ter sobre o desânimo ou descaso com as ações ambientais em virtude do que a mídia expõe, pois se sabe que a questão ambiental é veiculada por diversos meios, em escala local e global, gerando

uma rede informacional, praticamente incontrolável podendo também difundir ideias errôneas. Sabe-se, ainda, que a questão ambiental tem sofrido alterações de sentido, em razão da diversidade de campanhas midiáticas, inúmeras interpretações e interesses, levando a refletir que, ao mesmo tempo em que se sabe mais, também se desconhece inúmeros perigos e riscos.

Dessa forma, reitera-se que as consequências do processo de intervenção humana ainda estão sendo observadas nos sérios problemas ambientais enfrentados na atualidade, como: a perda da biodiversidade, a poluição do ar, da água e dos solos, o desmatamento e o “aquecimento global”, de forma que esses são também intensamente comentados pela mídia, e todos esses eventos representam grande ameaça às formas de vida no planeta (Ferrari; Zancul, 2010).

Ainda no cerne da discussão sobre os problemas ambientais, alguns docentes, embora não tenham sido estimulados a apontar possíveis responsáveis pelo cenário mundial ambientalmente preocupante, foram enfáticos ao responsabilizar alguns atores sociais. Nessa perspectiva, os depoentes destacam que as problemáticas são decorrentes da ausência de políticas públicas. Essa percepção dá origem à categoria *Problemática Ambiental: o compromisso do poder público*, que pode ser identificada nos seguintes depoimentos:

[...] todo o desenvolvimento de organizações, de instituições não governamentais, governamentais, enfim, todos estão cercando esse tema [...] (E03).

[...] mas há aquelas pessoas que tomam as decisões, o que são os gestores mesmo[...] embora a pessoa fazendo sua parte individual, eu acho que tem que ter por parte das políticas públicas, ações mais efetivas nesse sentido (E07).

Na concepção dos sujeitos, o poder público deve ser mais atuante, requerendo-se uma maior participação política e também ações mais efetivas por parte dos governos e gestores públicos. Sobre a participação das políticas públicas nessa temática, Camponogara (2008) constatou em estudo realizado a partir de um levantamento sobre a produção cien-

tífica nacional e internacional, que as publicações brasileiras não se dedicam a efetuar estudos que abordem sobre a efetiva intervenção junto a população ou em âmbito de políticas públicas. Sabe-se, contudo, da importância do fomento à promoção de ambientes saudáveis, o que exige a elaboração, a instituição e a execução de políticas públicas integradas e planejadas, mediante a articulação e a interação de distintas pastas governamentais e setores da sociedade civil (Brasil, 2007).

Soma-se a este panorama de pouca participação ou intervenção política, a necessidade de uma interação e troca de saberes, metodologias e vivências entre os que produzem o conhecimento e aqueles que executam as ações de gestão das políticas públicas e de conservação e preservação ambiental (Guerra et al., 2008). Tem-se, assim, a perspectiva de que a preocupação com o ambiente ganhe força e impulse novas estratégias no enfrentamento da problemática.

Nessa vertente, observa-se que os entrevistados salientam a coleta seletiva do lixo como uma importante ação e dever do poder público, vinculando esta às práticas de preservação ambiental e às ações ambientalmente responsáveis. Dessa forma, considera-se a coleta seletiva como uma situação que interfere no modo de pensar dos docentes, pois caso esta não demonstre ser eficiente, acaba por desacreditar as ações, como se pode identificar em algumas manifestações a seguir:

[...] fico frustrada em ver como o lixo é mau tratado aqui [...] (E01).

[...] a cidade não tem, por exemplo, uma coleta organizada do lixo seco, porque eu separo na minha casa, agora no momento em que ele sai da minha casa eu não consigo acompanhar o caminho dele, provavelmente ele possa ser misturado, o meu lixo separado possa estar sendo misturado, eu não sei [...] (E04).

Os depoimentos obtidos na pesquisa refletem a falta de um consenso quanto à existência da coleta seletiva no município em que os docentes residem, o que traz incertezas sobre a eficácia da sua ação de segregação dos resíduos, assim como desconfiança sobre o interesse e as ações de preservação que o

poder público realiza. Este dado reflete à importância de o município articular forças para uma melhor organização e divulgação de seus serviços, pois fica evidente que o desconhecimento pode comprometer iniciativas ambientalmente responsáveis.

Quanto às políticas públicas, sabe-se que o Estado brasileiro ainda não atingiu um patamar adequado no que se refere às políticas voltadas para a infraestrutura urbana, especialmente os serviços de abastecimento de água, esgotamento sanitário e gerenciamento dos resíduos sólidos e águas pluviais (Brasil, 2007).

Acredita-se, então, que a falta de informação concreta pode ser decisiva também na disseminação de uma visão consciente, quanto à segregação de materiais, para seus pares, incluindo-se aqui familiares, discentes e colegas de trabalho. Nesse sentido, para auxiliar na efetivação dessas iniciativas, Jacobi (2003) destaca a importância do fortalecimento das organizações sociais e comunitárias, a redistribuição de recursos mediante parcerias, de informação e participação crescentemente nos espaços públicos de decisão.

Dando sequência à análise e discussão, identificou-se um número expressivo de docentes que tentam encontrar outros responsáveis que não apenas o poder público. Dessa maneira, alguns se remeteram a um pensamento com foco na culpabilização do passado, do homem e em si, no sentido de pertencimento a essa situação. Essa ideia deu origem à categoria *Problemática Ambiental: responsabilidade histórica, do homem e nossa*.

Eu acho que assim, houve um descaso, não é descaso, um descuido ao longo da evolução [...] do desenvolvimento da sociedade, do desenvolvimento industrial, houve muito descuido com a proteção dos espaços, ou seja, do ambiente em nível municipal, nacional e mundial (E01).

[...] eu penso que nós estamos vivendo uma ressaca, a consequência do desrespeito histórico, secular[...] (E03).

Os sujeitos expõem a ideia do descaso com o ambiente como evidente e inquestionável, e atrelam a atual problemática ambiental como consequência decorrente de um passado errôneo quanto ao trato do ser humano com o meio ambiente.

Isso é evidenciado quando Philippi e Malheiros (2005) descrevem que as modificações ambientais decorrentes do processo antrópico de ocupação dos espaços e de urbanização, tem ocorrido em escala global, especialmente a partir dos séculos 19 e 20, impondo taxas incompatíveis com a capacidade de suporte dos ecossistemas naturais. Referente a esse cenário, Pelicioni (2005) ressalta também que as raízes das questões ambientais estão nos modelos de desenvolvimento adotados, até hoje, e no sistema socioeconômico vigente.

Ao mesmo tempo em que os participantes do estudo destacaram uma parcela de culpabilização no passado, de alto crescimento tecnológico-industrial, também identificaram a participação do homem contemporâneo na problemática ambiental, como evidenciam as manifestações a seguir:

Acho que é o problema mais grave e complexo que todos nós vivemos, fruto do desequilíbrio da ação humana [...] (E02).

[...] o homem está terminando com a água potável, está contaminando cada vez mais os mananciais, está avançando etapas [...]Então o ser humano leva muito pouco a sério essa questão ambiental, a questão da qualidade da água[...] (E05).

Observa-se nos depoimentos que os sujeitos atribuem a ação do homem como a grande causadora dos problemas ambientais. Essa percepção é justificada por Munhoz (2004) quando adverte que o sistema educacional nos ensina que estamos “sobre” a Terra, o que, sob a consideração da influência da cultura judaico-cristã, significa dominar, estar acima das outras espécies que foram criadas para servir ao ser humano, ou melhor, ao homem, ao gênero masculino.

Isto também é evidenciado por Silva (2010), quando argumenta que o modelo ocidental de sociedade foi e tem sido, incomparavelmente, mais

nocivo ao próprio homem e à natureza de um modo geral. Argumenta ainda que o modelo de sociedade realizado por comunidades tradicionais, como indígenas e quilombolas, é efetivamente mais sustentável por se utilizarem de ferramentas e processos menos tecnificados e por se basearem numa cosmovisão na qual o movimento da vida cotidiana se confunde e se entrelaça com o movimento da natureza.

Essa visão de destruição ambiental embutida ao homem é reforçada por Freitas (2006), quando enfatiza que sempre houve uma relação profunda entre as sociedades e seus ambientes naturais, tendo, o homem, buscado a distinção do meio que o cerca. Distinção esta que, segundo Melo (2008), é ameaçadora devido à falta de consciência deste homem nas ações destruidoras da natureza nos diferentes aspectos ecológicos.

Nesse contexto, Jacobi (2003) entende que se deve buscar uma perspectiva holística de ação, que relaciona o homem, a natureza e o universo, tendo em conta que os recursos naturais se esgotam e que o principal responsável pela sua degradação é o ser humano. Dessa maneira, Camponogara (2008) destaca que, na atualidade, já não devemos dar lugar a uma ética antropocêntrica, que perpetue a herança de dominação da natureza pelo homem. É necessário, sim, encontrar o caminho da ética da revalorização do ambiente natural, em que ser humano e natureza sejam parte de um mesmo sistema complexo, dinâmico e interdependente.

Dessa forma, percebeu-se, a partir de alguns depoimentos, uma relação mais pessoal com a problemática ambiental, visualizada quando, frequentemente, os docentes se colocavam como participantes, na primeira pessoa do plural (nós), no momento em que se referiam aos responsáveis.

Então eu acredito que nós ainda precisamos saber um pouco mais sobre os reais efeitos de tudo que nós seres humanos fazemos [...] então nós não temos como negar que tudo o que fazemos, tem alguma consequência (E04).

[...] todos nós somos responsáveis, evidentemente fazendo a nossa parte [...] (E07).

A análise das manifestações anteriores remete a uma percepção de corresponsabilização pela problemática ambiental, inserindo o ser humano como pertencente a um ambiente e sociedade. Tais percepções fazem com que se acredite que os seres humanos poderão construir uma nova racionalidade ambiental que integre, conecte, ligue o que está separado, compartimentado, valorizando as interações complexas que existem entre seres, objetos e meio ambiente e possibilitando viver responsabilmente (Camponogara, 2008).

No intuito de aprofundar a discussão diante da problemática ambiental, os sujeitos foram questionados quanto às ações de preservação que realizam, originando outro ponto para reflexão, denominando-se, enquanto categoria: *As ações ambientalmente responsáveis*. Dessa forma, obtiveram-se como respostas as ações de economia de água e luz ao tomar banho, separar os resíduos para a reciclagem e reutilização, e não consumir demasiadamente, evitando desperdícios. Algumas dessas ações podem ser observadas nos depoimentos que seguem.

[...] então, o cuidado com o não exagero de água, o cuidado em usar produtos mais naturais possíveis, a separação do lixo [...] (E02).

Sim, preocupação com o evitar o desperdício de água, economia no número de vezes que ligo a máquina de lavar quando eu tô economizando energia, dinheiro e recursos esgotáveis, não admito lavagem de calçadas, essas coisas, desperdícios do consumo de água. No lixo, faço separado [...] (E03).

Embora as ações relatadas sejam de vital importância para a sustentabilidade do meio ambiente no planeta, fica perceptível a preocupação com o descarte de resíduos e a economia da água, mais frequentemente. Sobre isso, Pilon (2005) destaca a importância das ações, para democratização e difusão de conhecimentos do meio acadêmico, para a comunidade por meio de atividades educativas e serviços como forma de medida reguladora ambiental e econômica. Entende-se que somente com a aproximação e o conhecimento acerca do meio ambiente é que se torna possível a sua preservação.

Dessa maneira, entende-se que o papel de docente na área da saúde predispõe também grande responsabilidade para com o meio ambiente, tendo em vista que saúde e meio ambiente se inter-relacionam em diferentes aspectos, o que reforça o compromisso ético para com a abordagem dessas questões na formação em saúde. Para isso, entretanto, torna-se fundamental refletir sobre o cenário de crise ambiental que a sociedade contemporânea vivencia, acrescentando-se, nessa reflexão, o papel fundamental que cada ser humano desempenha, seja engajado com a melhoria e disseminação de uma postura ambientalmente responsável ou no repensar de atitudes prejudiciais, visando a sua reformulação e maior compromisso.

Corroborar-se assim com Corrêa et al. (2007), quando evidenciam a imprescindibilidade de que docentes incorporem atitudes de desafio em suas práticas pedagógicas, na busca de novas compreensões, rompendo com ações fragmentadas, acomodadas e partindo para as incertezas, para as instabilidades, para o imprevisível. Dessa forma, pode-se reconhecer o processo educativo como um vir a ser, em movimento, em fluxo, em permanente processo de mudança.

Assim, defende-se a ideia de que os diferentes atores sociais da área da saúde, sejam esses discentes, docentes ou trabalhadores, incorporem nas suas atividades a preocupação e o cuidado para com o ambiente, refletindo e atualizando-se sobre a temática e as diferentes formas de praticar as inúmeras ações ambientalmente responsáveis. Dessa maneira, pode-se buscar assegurar uma melhor qualidade ambiental e de vida para a sociedade como um todo.

Conclusões

A partir da pesquisa realizada percebemos expressiva preocupação dos docentes da área da saúde sobre a real dimensão dos eventos ambientais catastróficos, justificando a desconfiança decorrente de um universo capitalista em que o aspecto financeiro

poderia preponderar sobre as atitudes ambientalmente responsáveis e a real veracidade dos problemas ambientais.

Constatamos ainda a recorrência do apontar responsáveis pela situação contemporânea de crise, embora a entrevista não solicitasse tal resposta. Entendemos que tais posicionamentos podem ter origem na fuga do comprometimento com o ambiente, ou ainda, no não se sentir afetado pela problemática, transferindo os encargos de responsabilidade a outros atores sociais.

Em oposição à fuga de responsabilidade, o estudo evidencia que alguns docentes colocam-se como inclusos e responsáveis pela situação ambientalmente prejudicada, incorporando um espírito de comprometimento e copertença, o que pode refletir, positivamente, nas ações de preservação ambiental, assim como no trato dessas questões em sala de aula com os discentes da área da saúde.

Ao serem abordadas as ações de preservação ambiental, houve um consenso quanto à participação nessas atividades, das mais diferentes maneiras, mas principalmente enfocando a separação do lixo domiciliar. Alguns entrevistados qualificaram suas ações como singelas ou simplórias, mas que se revelam importantes para o contexto local e global.

Concluimos, então, ser imprescindível que os docentes da área da saúde realizem reflexões e aproximações da temática ambiental com os conteúdos com os quais trabalham, pois, assim, podem influenciar positivamente na formação de profissionais mais conscientes, críticos e atuantes perante o cenário atual. Vale ressaltar ainda que a abordagem da interface saúde e meio ambiente deve ser trabalhada transversalmente na formação profissional, tendo em vista que uma aproximação pontual e descontextualizada do tema pode comprometer o engajamento dos futuros profissionais da saúde.

Referências

BARDIN, L. *Análise de conteúdo*. São Paulo: Edições 70. 2011. 279p.

BRASIL. Ministério da Saúde. Conselho Nacional de Saúde. *Subsídios para construção da Política Nacional de Saúde Ambiental*. Brasília, DF: Editora do Ministério da Saúde, 2007. 56 p. Disponível em: <www.saude.gov.br>. Acesso em: 5 out. 2012.

CAMPONOGARA, S. *Um estudo de caso sobre a reflexividade ecológica de trabalhadores hospitalares*. 2008. 277 f. Tese (Doutorado em Enfermagem) – Universidade Federal de Santa Catarina, Florianópolis, 2008.

CORRÊA, L. B. et al. O processo de formação em saúde: o saber resíduos sólidos de serviços de saúde em vivências práticas. *Rev. Bras. Enferm.*, Brasília, v. 60, n. 1, p. 21-25, 2007.

FERRARI, A. H.; ZANCUL, M. C. S. A educação ambiental nos projetos político-pedagógicos das escolas municipais de ensino fundamental da cidade de Araraquara/SP. *Rev. Eletrônica Mestr. Educ. Ambient.*, Rio Grande, RS, v. 25, n. 2, 2010.

FREITAS, C. M. Problemas ambientais, saúde coletiva e ciências sociais. *Revista Ciência & Saúde Coletiva*, Rio de Janeiro, v. 8, n. 1, p. 137-150, 2003.

FREITAS, E. S. Representações sociais, meio ambiente e saúde: por uma educação ambiental de qualidade. *O Mundo da Saúde*, São Paulo, v. 30, n. 4, p. 598-606, 2006.

GUERRA, A. F. S. et al. Tecendo a rede de educadores ambientais da Região Sul. *Revista Brasileira de Educação Ambiental*, Brasília, DF, v. 1, n. 0, p. 99-107, 2008.

JACOBI, P. Educação ambiental, cidadania e sustentabilidade. *Cadernos de Pesquisa*, n. 118, p. 189-205, 2003.

MELO, R. S. O papel das redes de informação e conhecimento nas tramas da educação ambiental. *Revista Brasileira de Educação Ambiental*, Brasília, DF, n. 3, 2008.

MUNHOZ, D. Alfabetização ecológica: de indivíduos às empresas do século XXI. In: LAYRARGUES, P. P. *Identidades da educação ambiental brasileira*. Ministério do Meio Ambiente. Diretoria de Educação Ambiental. Brasília, DF, p. 141-154, 2004.

PELICIONI, M. C. F. Educação ambiental: evolução e conceitos. In: PHILIPPI JR., A.; MALHEIROS, T. F. *Saneamento, saúde e ambiente: fundamentos para um desenvolvimento sustentável*. Barueri: Manole, 2005. p. 587-598.

PHILIPPI JR., A.; MALHEIROS, T. F. Saneamento e saúde pública: integrando homem e ambiente. In: PHILIPPI JR., A.; MALHEIROS, T. F. *Saneamento, saúde e ambiente: fundamentos para um desenvolvimento sustentável*. Barueri: Manole, 2005. p. 3-32.

PILON, A. F. Ocupação existencial do mundo: uma proposta ecossistêmica. In: PHILIPPI JR., A.; PELICIONI, M. C. F. *Educação ambiental e sustentabilidade*. Barueri: Manole, 2005.

SCHMIDT, R. A. C. A questão ambiental na promoção da saúde: uma oportunidade de ação multiprofissional sobre doenças emergentes. *Physis*, Rio de Janeiro, v. 17, n. 2, p. 373-392, 2007.

SILVA, A. T. R. da. Pedagogia ambiental. *Revista Eletrônica do Mestrado em Educação Ambiental*, Rio Grande, RS, v. 25, p. 253-265, 2010.

Recebido em: 8/5/2013

Aceito em: 16/10/2013